



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de inauguração do Complexo Hospitalar Ouro Verde**

Campinas-SP, 10 de junho de 2008

Meus queridos companheiros e companheiras de Campinas,
Meu querido companheiro prefeito Hélio de Oliveira Santos,
Meu querido companheiro José Gomes Temporão, ministro da Saúde,
Meu caro deputado federal Milton Monti,

Companheiros prefeitos aqui presentes: Edinho Silva, de Araraquara;
Marcelo Capelini, de Artur Nogueira; César Pagan, de Amparo; José Pivatto, de
Cosmópolis; Angelo Perugini, de Hortolândia; Vanderlei Brolesi, de Monte
Alegre do Sul; José Maria, de Santa Bárbara do Oeste; José Antônio Bacchim,
de Sumaré e Eduardo Tadeu Pereira, de Várzea Paulista.

Meu caro companheiro José Francisco Kerr, secretário de Saúde de
Campinas,

Meu caro companheiro Ercindo Mariano, presidente do Conselho
Municipal de Saúde,

Meus amigos,
Minhas amigas,

O discurso que eu trouxe por escrito, na verdade, já foi superado, porque
quatro pessoas falaram de Saúde antes de mim, não vou ser eu, um torneiro
mecânico, que vou falar de Saúde aqui.

Mas eu queria completar uma coisa que o Temporão falou, porque vocês
viram o que foi dito pelo secretário de Saúde, aqui: você gasta 60 milhões de
reais para fazer um hospital desses, depois, para fazê-lo funcionar você vai
gastar mais 60 milhões de reais por ano. Significa que todo ano a prefeitura de
Campinas, com a reparação que o SUS tem que fazer, vai ter que gastar, para



atender as pessoas – na verdade não deveria ser dito como gasto, mas um investimento, porque vai recuperar a saúde das pessoas – mais 60 milhões de reais. Significa que a cada 5 anos a gente vai estar gastando aqui praticamente 300 milhões de reais, para cuidar da saúde do povo.

Qual é o problema que nós temos? O problema, doutor Hélio – e aí é que entra o cuidado do gestor público – é que o hospital está novinho, Deus queira que vocês não precisem entrar, pelo menos nos próximos tempos, por doença, mas que vocês possam vir visitar. O hospital é de primeiríssima qualidade. Aliás, parabéns, Chaim, pela qualidade do hospital – o Chaim é o empresário que construiu o hospital – pela concepção e pela qualidade do hospital.

Quando a gente entra para visitar, como eu e o Temporão entramos, dá até vontade de ficar doente. É verdade, porque os enfermeiros são todos jovens e bonitos, as enfermeiras todas jovens e bonitas, os médicos devem ser todos jovens, as camas todas limpinhas e cheirosas, tudo pintadinho de novo.

Isso aqui vai começar a funcionar com 20% porque é importante, até por sabedoria, não lotar o hospital já amanhã. É preciso que vá ocupando-o paulatinamente, para que vá aperfeiçoando o sistema de atendimento e a própria ocupação do hospital. E não deixar perder, companheiro Hélio e companheiro secretário, a qualidade.

Porque, normalmente, se não houver o cuidado com a coisa pública, muitas vezes, em poucos anos, aquilo que era novo estará deteriorado, as camas estarão quebradas, o povo estará na maca outra vez, deitado nos corredores, ou não terá médico para atendê-los. Então, é preciso tomar muito cuidado. É inaugurar e cuidar da manutenção dele como você cuida da sua própria saúde. É todo santo dia olhar para que as coisas funcionem.

E, nisso, eu queria agradecer aos servidores do hospital – que estão lá dentro, que não podem vir aqui porque estão trabalhando – e dizer para vocês que nós acreditamos piamente que é preciso combinar a construção de



hospitais, o investimento na Saúde com a chamada “saúde preventiva”. Tem muita gente que fica doente porque não tem nenhum sistema de precaução com a sua própria saúde.

Dizem que a doença entra pela boca, e é verdade. Se a gente come de forma desvairada, e come de tudo, e a gente não cuida de melhorar a quantidade e a qualidade, é mais fácil ficar doente. Os exames que os homens têm que fazer são uma bobagem, porque as mulheres já fazem exames há muito tempo. Se tem uma coisa que mulher não tem preocupação, é com toque. Se tem uma coisa que mulher não tem preocupação é com os exames. Eu digo isso porque minha mãe morreu com 64 anos, Temporão, e nunca deixou um médico botar a mão nela. Porque era a educação que se tinha na época. Mas, hoje, uma mulher e um homem, se quiserem se cuidar, podem prevenir qualquer doença e podem viver até 80 anos, até 90 anos, até 100 anos como está vivendo Oscar Niemeyer. O homem tem a maldita mania de achar que ninguém pode botar a mão nele... é todo machão. Mas, quando ele tem 50 anos e pega um câncer de próstata, aí ele que estava com medo do toque, é virado ao avesso. Aí fica que nem um farrapo em cima de uma cama à mercê de todo mundo. Então, é preciso que a gente tenha coragem de fazer os exames na hora certa, se cuidar. Não tem nada mais triste em um país como o Brasil do que pessoas morrerem de câncer de próstata aos 50 anos. Por quê? Porque nunca fizeram exames. Aí, tem uns que pensam, porque são corajosos e falam: “Não, mas agora tem o PSA. Eu faço o PSA e não preciso mais do toque. Ah, tem uma máquina que passa na barriga e vê, não precisa de toque”. Nada substitui o toque. Portanto, eu... E vale para a imprensa também, viu? Vale para os jornalistas também. Eu não peço para que nenhum homem seja machão. Eu peço que vocês tenham apenas a coragem que as mulheres já têm há muitos anos e permitam ser diagnosticados.

A segunda coisa que eu acho importante e que o Temporão não fala, porque eu acho que ele não faz, é o seguinte: é andar. Olhe, eu sou



testemunha viva... Santa Rosa, você que está com cara de quem não anda, eu quero dizer o seguinte: se o ser humano soubesse o bem que faz para a saúde, sobretudo para a sua pressão, não estou nem dizendo para emagrecer, porque tem gente que só pensa em andar quando a barriga está maior do que o resto do corpo. Andar não é uma questão de gordura, é uma questão de você estar bem fisicamente, é uma questão de você ter a sua pressão controlada e é um santo remédio. Eu quero dizer, sem ser médico, com o risco de terminar aqui e tomar uma bronca dos médicos aqui no palanque, quero dizer o seguinte: se as pessoas adquirissem o hábito de andar, ou de manhã, meia hora, 40 minutos, ou na hora do almoço, ou à tarde, a hora em que chega em casa... porque está cheio de gente que, por preguiça fala: “Eu não tenho tempo”. Mas pára no bar para tomar uma cerveja e fica lá duas horas. Senta no sofá para ver a novela das oitos e fica duas horas. Às vezes, fica com conversa fiada três horas. Quando, na verdade, o que se pede é que a pessoa dedique para si, não é nem para a mulher, nem para o vizinho, não, é para si, dedique uma hora por dia para andar. Você vai perceber que você vai precisar comprar menos remédio para a pressão. Tem companheiros, não sei se aqui no palanque tem, que levantam pela manhã e já tomam quase que um coquetel de comprimidos para pressão. Se param de tomar o remédio, a pressão vai a quatorze por nove, vai a quinze por dez, daqui a pouco tem um derrame. “Ah, mais ele era tão jovem, ele...” Não tem remédio, gente. A saúde... isso aqui é maravilhoso, mas Deus queira que vocês demorem o máximo possível para entrar aqui doentes. E parte disso vocês irão resolver cuidando de vocês mesmos.

Eu digo isso, gente, porque quando eu cheguei à Presidência, eu me cuidava muito pouco. E depois que eu assumi a Presidência, que eu comecei a saber que eu tinha um mandato para cumprir e que eu tinha que ter saúde, hoje eu posso dizer para vocês que eu sou um cidadão altamente saudável com alguns probleminhas, que eu não posso dizer aqui. Mas, é sagrado, todo



santo dia, eu ando. Eu e Marisa fazemos disso uma profissão de fé, porque depois dos 60 nós precisamos muito mais andar, porque o céu está mais próximo, então a gente tem que se cuidar.

Por último, Hélio, quero dizer para você que é um orgulho estar aqui. Agora, depois do começo de julho, eu não poderei mais inaugurar obras junto com o prefeito porque tem problema eleitoral. Mas eu queria fazer, de público, aqui, justiça. O companheiro Hélio dedicou à construção deste hospital, eu diria, grande parte do seu sonho. Eu não podia ver o Hélio, seja no aeroporto de Viracopos, seja em Brasília ou aqui em Campinas, que ele não viesse: “Presidente, libera o dinheiro para a saúde. O Hospital Ouro Verde, Presidente, libera um dinheirinho.” Eu chegava lá e falava com o Temporão. E o Temporão falava: “Está sem dinheiro, Presidente”. Se eu soubesse eu teria falado com você, Tininha. Não sabia. Daqui para frente eu já sei aonde eu vou atrás do dinheiro no Ministério da Saúde.

Mas é importante a gente não perder de vista que, em dezembro do ano passado, por ódio e com vontade de que as coisas não dessem certo, tiraram do governo federal 40 bilhões de reais, por ano, com o fim da CPMF. Eu duvido que um de vocês tenha encontrado um produto em Campinas que reduziu o preço 0,38%. Eu duvido que os empresários reduziram o custo do que eles vendem porque acabou a CPMF. Entretanto, o Temporão e a equipe dele, que me apresentaram o mais perfeito Programa de Saúde que este País já viu, chamado Mais Saúde, que eu chamava de PAC da Saúde, onde a gente colocava mais 24 bilhões de reais na Saúde, onde nós imaginávamos levar médico de família dentro das escolas para começar a cuidar das nossas crianças, onde nós pensávamos levar dentistas nas escolas, onde nós pensávamos levar oftalmologistas na escola – porque normalmente quem está com um problema no olho não sente dor e, às vezes, a pessoa vai descobrir que está com uma deficiência visual depois dos 10 anos, depois dos 15 anos. E a gente poderia detectar isso logo no começo, quando a criança entra na



escola, para não dizer quando a criança nasce. Na escola, a própria professora faria o teste, colocaria a tabela na frente e perguntaria para as crianças se estavam enxergando, já poderia fazer. Tudo isso caiu por terra por conta do fim da CPMF.

Eu disse para o Temporão que a gente não tem que ficar nervoso. Agora, está se discutindo a Emenda 29. Quem entende de saúde, aqui, sabe que tem 17 estados no Brasil que não cumprem a Emenda 29. Os estados teriam que colocar 12% da sua receita na saúde, alguns colocam apenas 6%. Então, apenas poucos estados cumprem a Emenda 29. Agora, a verdade é que não adianta votá-la sem colocar a receita, porque sem colocar a receita é humanamente impossível. Mas nós precisamos, gente!

Neste País, estamos fazendo o Brasil Sorridente, já temos 500 centros de saúde bucal, mas precisa de mil, dois mil, três mil, porque, no Brasil, lamentavelmente, a saúde bucal não é tratada ainda como um problema de saúde. Até a unha do pé é tratada como uma questão de saúde. A boca, não. Porque também disseram, durante um tempo, que dor de dente é coisa de pobre. Pobre é que coloca álcool, gengibre, uns colocam uma cachacinha no dente, outros colocam fumo, outros colocam inhame, sei lá. O rico pode tratar logo, mas o pobre não. Então, nunca se pensou em dentista como uma questão de saúde pública. Nós estamos tentando fazer isso. Agora, para isso, nós precisamos de mais recursos.

Da mesma forma, tratar os olhos das pessoas. Quantas crianças, sobretudo no Nordeste, estão na escola, os pais e as mães pensando que essa criança é burra, que não aprende. E essa criança, por falta de vitamina A, não enxerga adequadamente. Tudo isso a gente pode detectar a tempo de recuperar a saúde das pessoas.

Por isso, Hélio, eu queria te dizer de coração: uma cidade como Campinas, que é mais ou menos igual a São Bernardo, onde eu moro, toda cidade dividida por uma grande estrada – e Campinas é dividida por duas



grandes estradas, é dividida por uma ferrovia, São Bernardo é dividido pela Imigrantes e pela Anchieta –, toda cidade dividida, normalmente a parte antiga da cidade é a parte que já tem hospital, é a parte que já tem um teatro, é a parte que já tem universidade, é a parte que já tem tudo, porque a cidade era para lá. Agora, a parte que fica, e que nasceu depois que surgiu a estrada, normalmente as pessoas ficam morando como se fossem cidadãos de segunda classe.

Trazer o hospital para cá, Hélio, é apenas você dizer para o povo: “Eu não estou tirando nada de quem mora no centro. Eu estou apenas tornando o povo de Campinas mais igual, levando para a parte mais pobre aquilo que a parte mais rica já tem”.

Por isso, meus parabéns, companheiros. Eu espero vir aqui depois de novembro, inaugurar outras coisas com vocês. Boa sorte e que Deus abençoe o povo de Campinas.

(\$211A)